

A PEDAGOGIA EXPERIMENTAL E A EDUCAÇÃO FÍSICA: APROXIMAÇÕES ÀS FORMULAÇÕES DE JOHN DEWEY*

Hamilcar Silveira Dantas Junior
Doutorando em Educação/UFBA
Professor Assistente/UFS
hamilcarj@bol.com.br

O presente trabalho tem por objetivo analisar as interações entre a Pedagogia Experimental e a Educação Física à luz das reflexões de um dos principais expoentes da Escola Ativa, o filósofo estadunidense John Dewey (1859-1952). Fundamentalmente, elucidar sua compreensão da Educação como via de construção de uma nova ordem democrática, baseada na experimentação, em que a base moral seria seu sustentáculo. A primeira metade do século XX consolida, sobremaneira, a concepção liberal de Educação na vertente da Pedagogia Experimental, fato oriundo da solidificação do “novo” sistema sócio-econômico e político, e, sobretudo, da forma de pensar e educar da civilização ocidental originada no século XVII na Europa. Foi nesse tempo e espaço que se deu o soerguimento do Estado moderno, do método científico, da economia capitalista, bem como da secularização, laicização e institucionalização da sociedade e da cultura.

O século XVII, pleno de tensões e contradições, erige o "mito do moderno" ou o processo que desembocará nos mitos do Estado, do poder, do dinheiro, da razão, do progresso e da revolução, bem como do trabalho e da infância, fatos que acompanharão toda a história humana na modernidade. Materializam-se a revolução científica e a visão burguesa da realidade. Seculariza-se o pensamento, instituindo uma nova concepção da natureza a partir de estágios mais elaborados da razão. A busca pelo saber alcança seu auge com o enunciado do método científico (observação, hipótese, experimentação e generalização) e a objetivação de leis universais e invariáveis da natureza. Em decorrência, se dá a superação do senso comum, dos preconceitos da tradição religiosa e medieval e a possibilidade de manipulação e transformação da natureza que originam a visão burguesa do mundo.

Tal revolução incide sobre a escola que passa a ser racionalizada, passando por uma organização estrutural, através da administração do Estado, da busca de formação do homem-cidadão, da estruturação do ensino mediante classes escolares por idade, disciplinas e exames. A partir desse momento, a Educação passa a ser vista como um processo mediado pela ciência. Intelectuais como Jan Amos Comenius e John Locke (guardadas as devidas divergências) compreendiam a Pedagogia como uma ciência que, ao sistematizar o ato educativo, deve submetê-lo, constantemente, à verificação da experiência.

O século XVIII completa o processo da modernização, tendo em vista as Revoluções Francesa e Industrial, a difusão em massa de idéias através da imprensa e a solidificação da burguesia, baseando-se nos princípios de liberdade e igualdade e na estrutura dinâmica da sociedade, da política e da economia. Em âmbito educacional, a escola legitima classes e grupos sociais, encaminhando-os à produtividade social. Nesse sentido,

* Artigo originalmente publicado em: V SEMANA DE EDUCAÇÃO; II ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO. *Anais...*, Aracaju: UFS, maio/jun. 2005. 1 CD-ROM.

a educação é o meio mais próprio e eficaz para dar vida a uma sociedade dotada de comportamentos homogêneos e funcionais para seu próprio desenvolvimento: é a via melhor para renovar no sentido burguês — individual e coletivo ao mesmo tempo — a formação dos indivíduos, subtraindo-a a qualquer causalidade e investindo-a de finalidades também coletivas¹.

É fundamental ao pensamento educacional desse período, a contribuição do filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau que opera, segundo Cambi (1999), uma "revolução copernicana" na Educação, ao romper com quaisquer idéias tradicionais correntes, colocando a criança como centro da teorização e da prática educacionais. Revolucionaria-a considerando a infância como idade autônoma e portadora de caracteres específicos a serem trabalhados, utilizando a experiência concreta do infante, ao unir motivação e aprendizagem, liberdade e autoridade.

Pari passu, espraiam-se, por toda a Europa, os novos modelos educativos, ora criticando, ora valorizando a cultura humanístico-literária, mas mantendo a crença na possibilidade da Educação como processo único de formação do cidadão-burguês, centrada na experimentação e nos ideais iluministas: a razão, a cultura, a disciplina e a moralidade.

Concomitante à teorização do processo educacional, a eclosão da Revolução Francesa, em 1789, com a ascensão da burguesia ao centro decisório, tem em Condorcet, Presidente do Comitê de Instrução Pública da Assembléia Legislativa Francesa, o intelectual que fixa os princípios da Educação pública: Educação para todos, a cargo do Estado; laica e livre; formadora do cidadão fiel às leis e ao Estado. Da mesma forma, institui a organização vertical da escola: escolas primárias, secundárias, institutos, liceus e a universidade. Paralelo ao avanço burguês, a Revolução Industrial consolida o capitalismo como modo de produção hegemônico e revela sua face mais aterradora: exploração e alienação das massas, alta mortalidade, degradação moral. Tal paradoxo implica uma rearticulação do Estado no sentido de garantir o impulso modernizador do capital sem, contudo, permitir o avanço das massas em direção ao “espectro que rondava a Europa”, o comunismo. Nesse sentido, erige-se o Estado burocrático que controla a vida nacional pela via de uma racionalidade técnica nas instâncias da sociedade civil: a imprensa, as artes e, sobretudo, a escola.

A Educação vincula-se, então, à ideologia, sendo um espaço de tensões pela hegemonia social. Encarrega-se, portanto, da transmissão de conhecimentos e comportamentos em caráter de funcionalidade. Institui-se o ideário de formação do cidadão da democracia: autônomo, pleno de direitos e cômico de seu papel social.

Adentra-se ao século XIX com o acirramento destas tensões sociais e a demarcação clara do papel funcional, pela via burguesa, e revolucionário, pela via comunista, da educação. Nesse espaço de efervescência, emergem o projeto pedagógico positivista e o projeto pedagógico marxiano.

Na esteira da revolução científica e do primado da instituição de leis invariáveis da natureza, o positivismo dirige-se à aplicação do modelo epistemológico das ciências naturais às ciências sociais, redefinindo os padrões conceituais e a objetivação da vida em sociedade. No plano educacional, busca-se a sistematização da Pedagogia como ciência, base concreta da modernidade. Em decorrência, valoriza-se a Educação como essencial à civilização moderna e como direito laico e racional do cidadão individual e coletivo. A escola torna-se o instrumento fundamental do crescimento e da evolução da sociedade industrial. São representativos dessa corrente: Auguste Comte, Herbert Spencer e Émile Durkheim.

A concepção marxiana da Educação privilegia o trabalho como princípio indispensável ao processo educativo. Direciona a sua compreensão à atividade humana vital, desnudando, por contradição, seu caráter alienante e reificador produzido na sociedade do capital. O projeto educativo converge à formação do homem omnilateral, ou o homem novo, ciente de seu papel histórico e formado nas capacidades de harmonização das atividades manuais e intelectuais, fundante da relação dialética entre a produção e a fruição, o tempo de trabalho e o tempo livre.

Nesse sentido, o trabalho adentra no campo educacional por duas vias antagônicas, assentadas no discurso da escola ativa: o desenvolvimento das capacidades produtivas sociais e o desenvolvimento da criança centrada no elemento da moralidade.

A reestruturação do modo capitalista de produção no ocidente, que, ao final do século XIX, sai do modelo concorrencial de livre iniciativa em direção à monopolização econômica, provoca uma reordenação social de consolidação do ideal democrático. Neste sentido, a Educação assume o lugar da política na formação do homem moderno, individual, cidadão, autônomo e socializado, pleno dos princípios democráticos.

Esse processo, no plano dos ideais liberais, provoca a separação entre Pedagogia, Filosofia e Política, reconstruindo a intervenção pedagógica nas bases da ciência positiva, indutiva e experimental. Cambi (1999: 500) afirma que a expressão Pedagogia Experimental, surgida no final do século XIX:

...foi cunhada em estreito paralelismo com psicologia experimental e se ocupa da criança através de um estudo que se organiza como *"uma intervenção deliberada numa situação (ou fenômeno) para fazê-los variar segundo um determinado objetivo e fixar depois os princípios do comportamento infantil em várias situações educativas"* (De Landsheere).

Desta base de consciência educativa, amplia-se a compreensão de incorporação das massas ao avanço da modernidade pela via escolar. Reestruturam-se as concepções educacionais européias a partir de uma base pragmática, consolidando o "mito americano" democrático, através do qual a ideologia educacional difunde o ideário da possibilidade de ascensão social pelo esforço individual. Institui-se o puericentrismo pedagógico, colocando a criança, suas necessidades e capacidades no centro do processo pedagógico.

Reflexo desse processo e da relação dialética Educação e trabalho, a Pedagogia Experimental, em sua vertente liberal, funda-se em duas tradições: a concepção funcional-elitista, elaborada por Émile Durkheim e a concepção pragmático-igualitária, de John Dewey.

No que se refere à concepção pragmático-igualitarista enunciada por John Dewey, faz-se necessário a compreensão do momento histórico pelo qual passavam os Estados Unidos (EUA) na transição dos séculos XIX e XX. O contexto norte-americano apresentava um notório avanço da estrutura capitalista no que tange às bases produtivas, num processo acelerado de expansão do Estado burguês. Analisando a relação Estado e Sociedade Civil, na Rússia, em que esta se apresentava "primitiva e gelatinosa", o que viabilizou a revolução de 1917, Gramsci (2001) afirma que, nos EUA, a sociedade civil estava consolidada em todas as frentes possíveis. Assim sendo, o que ele denominou de "americanismo" sustentava-se em um determinado tipo de Estado:

...o Estado liberal, não no sentido do livre-cambismo ou da efetiva liberdade política, mas no sentido mais fundamental da livre

iniciativa e do individualismo econômico que chega com meios próprios, como “sociedade civil”, através do próprio desenvolvimento histórico, ao regime da concentração industrial e do monopólio².

Isso posto, os Estados Unidos impuseram-se o desafio da formação humana atrelado ao pleno desenvolvimento das forças produtivas, desafio resolvido na consolidação da instrução pública e no treinamento nas fábricas, ou seja, na base estrutural e superestrutural hegemônica.

É nesse contexto que John Dewey se destacará como pensador que sistematiza a Pedagogia centrada na experimentação, voltada à formação do homem novo, calcada em princípios democráticos.

A concepção de Democracia em Dewey extrapola os limites de forma de governo, ampliando-se para uma forma de vida social que abarca os diversos níveis institucionais. Apresenta-se, portanto, como uma esfera de natureza psico-social ou subjetiva, voltada à formação de novos sentimentos de liberdade e igualdade. A Educação como fonte vital desse processo se escudaria em princípios racionais e sentimentais, tendo por base a experimentação. Que bases sustentariam essa experimentação? Ou esse contato da criança com o mundo mediado pelo espaço escolar?

A priori, Dewey (1980) classifica sua vertente filosófica como uma inter-relação experiência e natureza, como um humanismo naturalista. Nessa concepção busca-se desvelar empiricamente a natureza, no sentido de penetrá-la em profundidade. A experiência, nesse processo, revela traços estéticos e morais, em que os fenômenos são investigados em seus valores intrínsecos. A crença na experiência centra-se no método das ciências naturais, ou no anseio de apropriar-se de instrumentais eficazes para lidar com as condições objetivas de vida e ação.

A concepção central da Pedagogia de Dewey é, portanto, a experiência no seu aspecto lógico-social. Compreende o ato educativo como a interação entre um ser imaturo (a criança) e os valores e idéias sociais elaborados e consolidados na experiência do adulto. Em oposição à escola tradicional em que a matéria, a disciplina é o fim da instrução, Dewey (1978) propaga uma educação centrada no desenvolvimento e crescimento da criança.

Nessa acepção, o processo educativo baseia-se nos procedimentos metodológico-investigativos da Psicologia, na direção da formação moral da criança como fim da educação. O fundamento experimental aqui se localiza,

... o desenvolvimento não quer dizer retirar qualquer coisa da própria natureza. O verdadeiro desenvolvimento é um desenvolvimento da experiência, pela experiência. E isso será impossível, se não providenciarmos um meio educativo que permita o funcionamento dos interesses e forças que forem selecionados como mais úteis³.

As bases lógicas fundam-se na organização da matéria de estudo, enquanto o aspecto psicológico é a matéria da experiência em relação à criança.

Levando-se em consideração que a escola classifica as matérias, organizando-as de acordo com princípios gerais, completamente distantes da experiência infantil, Dewey (1978) detecta divergências fundamentais entre o currículo (meio) e a criança (fim): o mundo pessoal da criança contra o mundo impessoal da escola; a unidade afetiva da vida

da criança contra a especialização fragmentada do programa escolar; os laços prático-emocionais da infância contra a classificação lógico-abstrata do currículo escolar. Nesse sentido, a tarefa fundamental do docente na Pedagogia Experimental é, através do conhecimento sistematizado no plano de estudo, por meio da experimentação, determinar o ambiente necessário à criança para o seu pleno desenvolvimento mental, físico e moral.

À medida que amplia o alcance de seu sistema de pensamento, John Dewey, em 1916, publica sua obra capital: "*Democracia e educação*", na qual sistematiza as idéias filosóficas e pedagógicas adequadas à sociedade industrial e democrática. A obra escuda-se na tríade: Educação, Ciência e Democracia.

Entendendo a complexidade da sociedade moderna e a impossibilidade de apreendermos os recursos e conquistas construídos ao longo da história, sem um local privilegiado a essa transmissão, Dewey (1979) vislumbra a escola como espaço único possível para consolidar essa aquisição de saberes e formação humana. Para tanto, indica seus objetivos fundamentais: proporcionar um ambiente simplificado, onde a totalidade social é fragmentada para ser assimilada gradativamente; eliminar os elementos desvantajosos à formação do educando, haja vista que não importa transmitir todo o conhecimento produzido, mas aquele indispensável à construção de uma sociedade futura mais perfeita; dar oportunidade aos educandos de avançar em relação ao grupo social de origem, ampliando seus contatos com outros ambientes.

Da caracterização do espaço escolar e seus objetivos, passa-se à definição técnica da educação: "é uma reconstrução ou reorganização da experiência, que esclarece e aumenta o sentido desta e também a nossa aptidão para dirigirmos o curso das experiências subsequentes"⁴.

A formação humana, então, alicerça-se em objetivos educacionais dirigidos à liberdade do sujeito como cidadão, cômico de seus direitos e deveres: dirigir-se às atividades e necessidades intrínsecas do indivíduo que vai ser educado; converter em possibilidades de cooperação fundamental as atividades dos educandos; estabelecer fins gerais que conduzam a interpretações vastas e flexíveis, proporcionando, assim, o estímulo aos educandos a novas associações de pensamento e relações.

No âmbito da ciência, Dewey (1979) recorre aos avanços do método científico, entendido como fase superior do conhecimento. Em tese, a ciência seria a base de compreensão lógica de todo o conhecimento. Na sua acepção, a ciência seria o elemento representativo do planejar e regular novas experiências desenvolvidas sistematicamente, na direção de preparação e emancipação dos hábitos e ações humanos. Nesse sentido, a ciência seria o único instrumento de progresso consciente, do indivíduo e do todo social.

A base científica da Educação ou a sistematização lógica da intervenção pedagógica baseia-se principalmente na Psicologia, no estudo da criança e no conhecimento do meio social. Contudo, o método de ensino está baseado no indivíduo e sua relação com o conhecimento. Dessa forma, sustenta-se em atitudes intelectuais eficientes sobre o material/conhecimento a ser experimentado: a retitude ou a seriedade e rigor com que o indivíduo põe-se a aprender/experimentar; a acessibilidade mental ou a conservação da atitude infantil de querer aprender sempre mais; a atividade integrada ou a plenitude de interesse em apropriar-se daquele conhecimento, objetivamente e sem distração; e a responsabilidade ou o pesar das conseqüências das ações realizadas, tendo em vista que o conhecimento apreendido será o norteador da prática social do sujeito. Dessa forma, ressaltando o método individual, Dewey (1979) propõe a construção de programa de estudos voltados à apresentação e resolução de problemas relevantes à vida social e consecução dos princípios democráticos.

Tais princípios estão orientados na ampliação dos pontos de participação do interesse comum e na relação de interesses recíprocos em direção à regulação social, bem como na cooperação livre entre os grupos sociais e modificação de seus hábitos, como meio de consolidação da ordem democrática. A Educação tem o papel vital de mediar esses interesses e impulsionar a superação dos contrastes sociais, sendo o cerne de geração da democracia: forma associada de vida e de experiência conjunta. Isso posto, a proposta de Dewey, converge a um fim educativo sólido: a coesão moral.

Tal coesão moral implicaria em superação do método vigente de memorização de fatos e aquisição de habilidades. A base seria uma educação dos sentimentos, dado que a democracia não se fixa em formas estanques de vida, estruturas e relações sociais, mas no construto cotidiano de novas formas de existência. Para tanto, a criança deveria ser apresentada a uma nova forma de interagir com o mundo: a via corporal, de educação e experimentação da vida pelos sentidos.

Com efeito, no que se refere à Educação Física na Pedagogia Experimental, a contribuição de John Dewey é basilar do projeto educacional liberal. Dewey (1979) condena a educação fragmentária, fruto da divisão social do trabalho e o conseqüente privilégio da educação intelectual em detrimento das atividades corporais. Opunha-se aos preceitos pedagógicos de Johann F. Herbart, em que o espírito estaria subsumido ao que foi ensinado, hiper-valorizando o dever de instrução do professor, convergindo o aprender à utilidade imediata. Tal concepção, entendia, subestimava a participação dos escolares em sua inter-relação com o meio e os seus graus de autonomia. A educação intelectual estaria enquadrada em uma posição de subserviência do aluno, fato que o atingia diretamente em sua materialidade corpórea.

O corpo, em si, é uma fonte de energia e o caminho necessário ao experimentar o mundo. Toda educação parte, em primeira instância, da educação dos sentidos, do domínio muscular e motor em relação com o meio. É no dominar das capacidades e atividades físicas que as crianças fazem aquisições intelectuais, em maior ou menor grau. Tal perspectiva assenta-se na utilização do jogo e do brinquedo em relação intrínseca com o trabalho.

Através da experiência do jogo, a escola deve tornar-se o ambiente favorável à fruição dos impulsos naturais da criança como meio para seu desenvolvimento físico, mental e moral. Todas as atividades escolares, inclusive o jogo e o brinquedo, convertem-se em trabalhos ativos com finalidades sociais. O papel fundamental da escola e dos educadores é mediar essas ocupações ativas de forma a convergi-las ao fim educativo: o acúmulo de referências intelectuais e formação de tendências sociáveis.

No escopo da Pedagogia moderna, portanto, o jogo e o trabalho em John Dewey não se opõem, tendo-se em vista que ambos têm fins característicos, bem como selecionam e adaptam materiais e meios para alcançá-los. A base de sustentação na Psicologia aponta para o entendimento de que, à medida que jogam e trabalham, as pessoas estão experimentando constantemente, o que revela atividades livres e desprovidas da geração de produtos finais.

Dewey (1979) opõe-se, no ambiente escolar, à dicotomia econômica que considera o trabalho como meio para produção de algo alheio ao homem, e o jogo como mera expressão de ociosidade de classes abastadas. A compreensão da relação entre jogo e trabalho escuda-se na dimensão estética da arte. Portanto,

...se os trabalhos escolares não proporcionarem ensejo para recreações salutaras e não exercitarem a aptidão para procurá-las e encontrá-las, os instintos recalcados se expandirão por toda a

espécie de válvulas ilícitas, às vezes abertamente, outras confinados nas fantasias imaginativas. Nenhuma responsabilidade da educação é mais séria do que a de fornecer adequada provisão de lazeres recreativos — não só no direto benefício da saúde, como também, e mais ainda, se possível, para produzirem duradouros efeitos nos hábitos do espírito⁵.

Discorrendo sobre o interesse educativo, Dewey (1978) afirma que este deve estabelecer conexão com atividades em que nos empenhamos com total entrega. A atividade educativa tem, por seu turno, que canalizar o objeto da ação para a resolução dos problemas postos na prática, sobretudo para o progresso e desenvolvimento do aluno.

Nesse contexto aponta algumas considerações para este desenvolvimento no que tange às atividades físicas. Primeiro, toda atividade deve ser aprendida, portanto torna-se também atividade intelectual. Segundo, as ocupações escolares devem dirigir-se à libertação do corpo para o exercício dos sentidos e dos movimentos. Terceiro, apreender que através do desenvolvimento dos órgãos dos sentidos é que apreendo e controlo as reações motoras. Quarto, é necessário dar a justa medida do valor de brinquedos, jogos e ocupações.

Vinculando, conforme o exposto, jogo e trabalho, Dewey (1978) infere que as atividades físicas devem convergir ao controle de instrumentos. Isso posto, tornar-se-iam “atividades construtivas”. Nesse sentido, a criança precisa em igual parâmetro do brinquedo e do trabalho. Tal imbricação só é possível a medida que dominamos os níveis de desenvolvimento das crianças, daí compreendermos em que momento dá-se a passagem da atividade com um fim mais próximo (jogo) para a atividade com fim mais distante (trabalho). A atividade exteriorizada pelo corpo torna-se, então, a materialização da existência humana e sua exata preparação para a vida social.

Não quero, com essas considerações, afirmar que Dewey, ao referir-se ao jogo e ao brinquedo, referia-se, por conseguinte, à disciplina específica Educação Física⁶. Esses elementos educacionais deveriam perpassar todo o plano escolar. Não obstante, a referência se faz necessária, tendo em vista que a direção das políticas educacionais no Brasil delegarão a responsabilidade de trato com os jogos e a recreação à Educação Física, bem como os escolanovistas brasileiros, na primeira metade do século XX, ressaltarão, sobremaneira, esses princípios na elaboração dos programas escolares, vinculados a essa disciplina.

A construção intelectual de Dewey é louvada por Cambi (1999: 546):

Dewey foi o maior pedagogo do século XX: o teórico mais orgânico de um novo modelo de Pedagogia, nutrido pelas diversas ciências da educação; o experimentalista mais crítico da educação nova, que delineou inclusive suas insuficiências e desvios; o intelectual mais sensível ao papel político da pedagogia e da educação, vistas como chaves mestras de uma sociedade democrática.

Em direção similar, Manacorda (2001) afirma que poucos educadores, como Dewey, conseguiram manter uma coerência entre princípios teóricos e opções práticas.

Certo é que suas formulações revelaram uma perfeita sintonia com seu espaço e tempo históricos, haja vista que se consolida uma Educação pública efetiva nos EUA que avança o processo de solidificação da sociedade capitalista industrial.

Reconhecendo o valor intelectual de Dewey, não obstante, entendo como Betti (1981) que, ainda que considerando a escola com uma finalidade anticonformista que visava a igualdade entre os homens, Dewey, à medida que retira da escola seu componente político, vislumbra-a como um terreno neutro, encerrado em um ambiente purificado para o experimentar do conhecimento. Nesse sentido, o trabalho na Pedagogia Experimental de Dewey é um meio didático para colocar o educando em contato com o real, mas um real pasteurizado, desenvolvendo e ampliando seus recursos criativos, o que lhe confere uma posição reformista, haja vista que o trabalho não se insere na perspectiva de domínio das condições e forças produtivas, na direção da superação das desigualdades sociais. Para Manacorda (2001), Dewey e Marx inserem-se na corrente de educadores modernos em que o *aprender fazendo*, revela-se o nexo da relação instrução e trabalho, própria das propostas de consolidação ou oposição ao modo de produção capitalista no século XX:

Dewey, como Marx, baseia-se no desenvolvimento econômico e produtivo, mas falta-lhe aquela análise dialética do real e de suas contradições, cujas explosões, segundo Marx provocariam as mudanças, e aquela perspectiva, talvez utópica, mas fortemente estimulante, de uma totalidade de indivíduos totalmente desenvolvidos; no lugar dessa análise, há nele a conclamada finalidade de educar o indivíduo para participara da mudança, concebida como a progressiva evolução de um estado de coisas em si positivo⁷.

As reflexões objetivadas nesse trabalho implicam em destacar a rigorosidade conceitual, bem como a coerência de um projeto histórico por parte de um intelectual liberal. Nesse sentido, para além dos rótulos, faz-se necessário reconhecer o desconhecimento por parte dos que fazem a Educação Física brasileira das possibilidades de um projeto educacional como esse. Jamais conseguimos materializar as proposições democráticas expostas por Dewey, como estabelecermos que já estão superadas? Entendo que o capitalismo esgotou suas possibilidades civilizatórias, mas sobrevive forte devido à sua autofagia, por viver e fortalecer-se com as próprias crises. Desta forma, conforme Marx (1997: 52), é preciso reconhecer que uma formação social jamais desaparecerá enquanto não forem desenvolvidas todas as suas capacidades produtivas, assim como não nascerá outra enquanto não forem geradas suas condições materiais no seio da velha sociedade.

Intento afirmar que um projeto histórico socialista perpassa por apreendermos as proposições históricas liberais, absorvendo seu conteúdo moderno, dirigindo-os, então, a uma nova ordenação social. As proposições de ordem pedagógica são fundamentais para tal consecução.

As reflexões de Dewey encontrarão eco em educadores nacionais como Anísio Teixeira e Lourenço Filho que, ora em suas formulações intelectuais, ora em suas ações políticas tratarão da Educação Física no âmbito da Pedagogia Experimental, perspectivando avanços à modernidade na esteira de um projeto educacional. Tais formulações e ações, portanto, configuram-se como terreno farto às pesquisas na área.

Notas

1. F. CAMBI. *História da Pedagogia*. p. 326.
2. A. GRAMSCI. *Cadernos do cárcere*. p. 258-259. v. 4.

3. J. DEWEY. *Vida e Educação*. p. 53. Grifos do autor.
4. J. DEWEY. *Democracia e Educação*. p. 83.
5. J. DEWEY. *Idem*. p. 226.
6. Entendo Educação Física como disciplina curricular que, na Escola, sistematiza/pedagogiza os temas da cultura corporal, a saber: jogo, esporte, ginástica, danças, lutas. Tal pedagogização implica na aquisição de autonomia física, intelectual e cultural por parte dos discentes. Distingue-se, portanto, de uma concepção mais abrangente que entende educação física como manifestações corporais, orientadas ou não, que se realizam em diversos espaços sociais: academias, condomínios, clubes, etc.
7. M. A. MANACORDA. *História da Educação: da Antigüidade aos nossos dias*. p. 320.

Referências Bibliográficas

- BETTI, G. **Escuela, Educación y Pedagogia en Gramsci**. Barcelona, ESP: Martínez Roca, 1981.
- CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.
- DEWEY, J. **Vida e Educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- _____. **Democracia e Educação: introdução à Filosofia da Educação**. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1979.
- _____. Experiência e Natureza. In: _____. **Dewey**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 3-52. (Os Pensadores).
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 4.
- MANACORDA, M. A. **História da Educação: da Antigüidade aos nossos dias**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARX, K. **Para a crítica da Economia Política**. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1997. Coleção os Pensadores.